

SINGULARIDADES DA MIGRAÇÃO INTERNA DE VALADARES E DE IPATINGA - 1930/1991

Weber Soares*

Resumo

Este artigo examina as configurações espaciais resultantes das trocas migratórias em todo o território nacional e das trocas migratórias que se deram entre a microrregião de Valadares, a de Ipatinga e as demais microrregiões brasileiras no período 1930/1991. O objetivo consiste em revelar as especificidades da dinâmica migratória interna de Valadares e de Ipatinga no quadro das principais tendências migratórias brasileiras. Ficam evidentes tendências migratórias opostas entre toda a Minas Gerais e as microrregiões valadarense e ipatinguense ao longo desse período.

Palavras-chaves: tendências migratórias, distribuição espacial, migração interna, microrregião de Valadares e de Ipatinga

Este trabalho tem o objetivo de identificar, no período 1930/1991, as configurações espaciais resultantes das trocas migratórias em todo o território nacional e das trocas migratórias que se deram entre Valadares, Ipatinga e as demais microrregiões brasileiras. Ao confrontar o quadro das principais tendências migratórias brasileiras com a hierarquia das microrregiões que maior participação tiveram nos fluxos populacionais de entrada e de saída em Valadares e Ipatinga, vem à tona as singularidades da dinâmica migratória interna dessas duas microrregiões mineiras.

Traçar as principais tendências de distribuição espacial da população brasileira, entre 1930 e 1980, à luz do enquadramento histórico dos fatores políticos e econômicos que as ensejaram, constitui, então, o primeiro esforço. Análise das mudanças sofridas, nas décadas de 70 e 80, pelo mapa de deslocamentos populacionais no Brasil é o que será feito na seqüência, com base nas informações de última etapa migratória dos Censos de 1980 e 1991.

Trajetória analítica semelhante à empregada no caso brasileiro é utilizada para mapear as trajetórias populacionais que, ao longo do tempo, mais intensamente se vincularam a Valadares e a Ipatinga. São arrolados, inicialmente, os determinantes políticos e econômicos

*Professor titular da Faculdade de Ciências, Educação e Letras da Universidade Vale do Rio Doce - Univale

que alimentaram o povoamento dessas duas microrregiões de Minas Gerais. Depois, também com base nos dados censitários de última etapa migratória, essa breve revisão histórica serve de lastro para desnudar as alterações de tendências que as trocas populacionais de Valadares e de Ipatinga sofreram no transcurso dos anos 70 e 80.

Enfim, o exame desse mapeamento dos fluxos populacionais põe em evidência os traços de descontinuidade entre as principais tendências migratórias relativas ao Brasil, Valadares e Ipatinga.

A distribuição espacial da população brasileira no período 1930/1991

A década de 1930 constitui referência temporal da drástica redução da imigração estrangeira¹ – decisiva, em épocas anteriores, para ampliar a força de trabalho brasileira – e de início dos intensos movimentos migratórios internos que caracterizaram a distribuição espacial da população brasileira daí em diante.

A crise cafeeira da década de 30, bem como as mudanças no padrão de acumulação, que se orientou para o mercado interno e para a industrialização, provocaram simultaneamente, a migração para as cidades e a expansão da fronteira. O processo de concentração urbana intensifica-se a partir da Segunda Guerra: a aceleração da demanda interna por produtos industriais devido às dificuldades de importação, bem como a demanda externa por matérias-primas expandem a capacidade industrial existente, o que provoca aumentos de salários e atraem novas migrações para as áreas industriais.

No período que se segue à Segunda Guerra inicia-se uma era de intervenção mais abrangente do Estado na economia. Incentivos à ampliação do parque industrial, à modernização do setor de comunicação e transporte associados à aceleração do crescimento demográfico, resultante do rápido declínio da mortalidade e da manutenção de altos padrões de fecundidade, alimentam o intenso crescimento urbano e o movimento de ocupação de fronteira: durante seus estágios iniciais, o movimento fronteiriço dirigiu-se para Paraná (década de 40), na década de 50 incorpora o Centro-Oeste e, finalmente, em 70 expande-se para a região Norte.

As reformas empreendidas pelo Estado, na década de 50, são estendidas e atualizadas pelo Regime Militar. As vantagens locacionais acumuladas em torno da cidade de São Paulo, baseadas nas economias externas, no tamanho e poder do mercado e no volume de recursos e

1 Eliminada na segunda metade do século XIX a única fonte importante de imigração, que era a escrava, a questão da mão-de-obra agrava-se e passa a exigir urgente solução. Em face desse problema, são lançadas as bases para a “...formação da grande corrente imigratória que tornaria possível a expansão da produção cafeeira no estado de São Paulo. O número de imigrantes europeus que entra nesse estado sobe de 13 mil, nos anos setenta, para 184 mil no decênio seguinte e 609 mil no último decênio do século. O total para o último quartel do século foi de 803 mil...” (FURTADO, 2000: 133).

força política, serviu para promover a concentração industrial nessa região e aumentar sua hegemonia durante o início do período militar. Além disso, o modelo de modernização agrícola adotado beneficiou a concentração da propriedade da terra; e os subsídios estatais incentivaram a mecanização com a consequente redução da necessidade de mão-de-obra rural. A ação conjunta desses dois fatores exerceu um forte impacto sobre a migração rural-urbana.

Enfim, a redistribuição da população brasileira ao longo dos anos 60 ocorreu mediante duas dimensões complementares, a inter-regional e a rural-urbana: aquela representada pela expansão populacional em direção às áreas de fronteira agrícola, e esta, pela concentração dos migrantes em grandes aglomerados urbanos. Já os anos 70 anunciam a falência das fronteiras agrícolas como áreas de atração e de fixação da população e lançam as áreas metropolitanas, especialmente a de São Paulo, como destino predominante dos principais fluxos migratórios no Brasil.

O intenso crescimento da economia com sua grande capacidade de geração de empregos, as altas taxas de crescimento demográfico e a reorganização socioeconômica do território brasileiro ensejaram o perfil migratório que prevaleceu de 1940 até 1980. Suas características essenciais adquirem a seguinte discriminação: 1) trajetórias dominantes que tinham como origem dois grandes reservatórios de força de trabalho - Minas e Nordeste - e como destino as regiões de expansão industrial - São Paulo e Rio de Janeiro - e a fronteira agrícola - Paraná, Centro-Oeste e a região Norte; 2) trajetórias secundárias entre estados vizinhos articuladas ou não às dominantes. São notáveis os fluxos de São Paulo e dos estados do Sul em direção ao Paraná e ao Centro-Oeste e do Espírito Santo em direção ao Rio de Janeiro; 3) prevalência das migrações campo-cidade em todos os estados; 4) grande peso das migrações de longa distância; e 5) forte tendência de concentração de população nas cidades com mais de 500 mil de habitantes e nas regiões metropolitanas (BRITO, 1995).

Todavia, as condições estruturais que deram suporte às tendências migratórias de 1940 a 1980 transformaram-se. A década de 80 inicia-se com uma das mais graves crises da história do Brasil. A recessão e a duração do desemprego assumiram uma expressão até então, desconhecida, ou seja, ganha corpo a instabilidade crônica retratada na rápida flutuação do nível de atividade e na deterioração da capacidade de absorção dos mercados de trabalho, sobretudo nas grandes cidades. Soma-se a isso o processo de desconcentração econômica que se iniciou na década de 70, prosseguiu de São Paulo em direção: i) ao restante da periferia nacional, principalmente, às regiões Norte, Centro-Oeste, aos estados da Bahia, Minas Gerais

e Paraná; e ii) ao interior do estado de São Paulo. Essa conjuntura revela-se na crescente heterogeneidade do desenvolvimento interno das regiões brasileiras, ou seja, no surgimento de ilhas de produtividade em certos territórios, no maior crescimento das antigas periferias nacionais, em padrões relativamente baixos de crescimento populacional das áreas metropolitanas, sobretudo de suas sedes, e na importância que adquire o conjunto de cidades de porte médio.

Quanto à dimensão demográfica é preciso lembrar que Minas e Nordeste, inseridos num contexto de queda do potencial de crescimento da população brasileira, vêem sua capacidade de gerar excedentes demográficos reduzida (BRITO, 1995). E mais, as regiões de expansão da fronteira agrícola - Norte e Centro-Oeste - dão mostras de terem chegado ao limite de absorção migratória.

Entre as transformações sofridas pelas trajetórias espaciais dominantes no período 1940/1991 cabe por em relevo as que se seguem: i) redução do volume dos fluxos migratórios; ii) maior peso das migrações de curta distância e intra-regionais; iii) maior incidência das migrações de retorno; e iv) alteração da tendência à concentração urbana nas grandes capitais e regiões metropolitanas.

Valadares: ascensão e crise

A bacia do Rio Doce foi uma das últimas regiões ocupadas em Minas Gerais. Só na segunda metade do século XIX, Santo Antônio da Figueira, posteriormente Governador Valadares, transforma-se em entreposto comercial de envergadura regional: como daí até a foz o Rio Doce era navegável, esse ponto tornou-se local perfeito para a troca de mercadorias da região noroeste do Rio Doce com os produtos industriais e o sal vindos do litoral (SIMAN, 1988).

Na realidade, até os primeiros anos da vida republicana, essa região mineira continuava praticamente isolada. Em virtude desse isolamento, a política estadual orienta-se para "... criar um mercado interno viável e, ao mesmo tempo, ligar os principais centros produtores às cidades portuárias" (WIRTH, citado por COSTA, 1991:10).

O espírito que guia a construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas carrega, portanto, além do forte estímulo resultante da descoberta de jazidas minerais no quadrilátero ferrífero, a vontade de reforçar o mercado interno estadual e intensificar a exploração "... da zona promissora, não obstante inóspita, de toda bacia comum a Minas e Espírito Santo" (FONSECA, 1985:30). Com efeito, a inauguração, em 1910, da estação ferroviária da Figueira: i) consolida a posição de entreposto comercial desse distrito de Peçanhaⁱ; ii) confere à cultura do café e à extração de madeira importância econômica cada vez mais destacada na região; e iii) enseja a vinda de migrantes da própria região do Rio Doce, do Espírito Santo, da Bahia e de alguns estrangeiros de nacionalidade italiana, espanhola e siríaca (SIMAN, 1988).

A partir de 1930, com a crise da cafeicultura e o aumento da migração de nordestinos, é introduzido o capim colonião em terras da Figueira, o que torna possível a expansão da pecuária. Assim, o processo de desmatamento intensifica-se, para que fossem conseguidos os pastos necessários à engorda do gado; e a indústria da madeira, bem como as serrarias, multiplicam-se. O encontro histórico entre a expansão da exploração da madeira e a expansão da siderurgia a carvão vegetal já se iniciara antes da inauguração, em 1937, da Companhia Belgo-Mineira, em João Monlevade (BRITO, 1997). O suprimento de carvão vegetal vinha das enormes reservas de Mata Atlântica, que a Belgo-Mineira havia obtido no médio Vale do Rio Doce.

Sob os auspícios de modernidade trazidos pela ferrovia, nota-se, portanto, profunda inflexão nos interesses que a Figueira passa a despertar; a região reveste-se, cada vez mais, de atrativos para a especulação comercial, bem como para constituição de grandes latifúndios; transforma-se num convite sedutor para os que, em nome do enriquecimento fácil, "faziam da violência recurso inseparável nas disputas pelos espaços econômicos" (COSTA, 1991:12). Na mesma ocasião, vai se tornando lucrativa a exploração de produtos de origem mineral, especialmente da mica que, associada à crescente comercialização da madeira e do carvão vegetal, tonificam processo de urbanização da Figueira.

Na década de 40, o solo valadarense testemunha o predomínio da extração de madeira e início do processo de explosão populacional, que atingiria o apogeu nos anos 60. Entre 1943 e 1944, a rodovia Rio-Bahia atravessa as terras do município, confirmando sua condição de pólo regional, ao intensificar a concentração das atividades comerciais e de prestação de serviços. Tal fato implica, também, uma disposição espacial que coloca Valadares no caminho das correntes migratórias originárias do Nordeste e regiões vizinhas. Vale lembrar que a estrada de rodagem que liga Valadares a Itambacuri já facilitava, desde 1936, os fluxos migratórios oriundos do vale do Rio Mucuri, fortemente atingido pela crise do café (BRITO, 1997; SOARES, 2002).

A mica, em virtude do aumento de demanda no mercado externo, torna-se, por ocasião da Segunda Guerra, um dos principais produtos comercializados na região, ampliando, por meio da "... exploração intensiva de várias jazidas e da criação de oficinas locais de beneficiamento...", as oportunidades de emprego para a força de trabalho que aí se estabelecia (SIMAN, 1988:80).

A exploração econômica da madeira, vivendo o apogeu nesse período, passa ao controle de reduzido número de empresários, e promove "... experiências de integração vertical: à simples venda da madeira bruta são acrescentadas novas formas de processamento por meio das

fábricas de móveis e compensados instaladas na cidade" (COSTA, 1991:14). Essa integração vertical, em Valadares, tem na Belgo-Mineira o principal baluarte: com o objetivo de aproveitar parte da madeira mais nobre que não era transformada em carvão, a Belgo inaugura, em 1943, a mais importante empresa desse ramo madeireiro, a Companhia Agropastoril de Madeira Compensada do Rio Doce (BRITO, 1997).

O auge da economia valadarense se deu na década de 50. Apesar do declínio da exploração econômica da mica, com o fim da guerra, Valadares consolida-se como pólo regional, por meio da expansão tanto da produção do carvão vegetal quanto da industrialização da madeira. Todavia, o processo de desmatamento sistemático, causado por essas atividades, deixou grandes áreas livres que, tomadas pelo capim colonião, indicavam a pecuária extensiva de corte como alternativa para substituir as atividades extrativistas.

A década de 40 e a de 50 foram, portanto, anos de prosperidade para o município de Governador Valadares; prosperidade essa que se manifesta pela elevação das taxas de crescimento populacional: a taxa, que era de 3,7% a. a., entre 1940 e 1950, atinge, no período 1950/1960, a 7% a. a. – um aumento de mais de 90%.

Assentada, até então, no extrativismo mineral e vegetal, a economia do município valadarense sofre, na década de 60, um golpe profundo com a crise da mica, causada pela debilitação do mercado externo, e o esgotamento das reservas florestais, que provocam o fechamento de várias serrarias e a mudança de diversas fábricas que industrializavam a madeira. Golpe esse que se revela, no âmbito demográfico, pela expressiva redução da taxa de crescimento populacional: nessa década, o município de Valadares cresceu pouco mais de 4% a. a. – em relação aos anos 50, essa taxa sofreu decremento de 42,2%. Nem mesmo o crescimento da pecuária de corte e leite, que se tornara a atividade econômica mais importante no município, durante os anos 60, mostrou-se capaz de absorver a mão-de-obra desligada das atividades produtivas relacionadas ao ciclo extrativista – décadas de 30, 40 e 50 (IBAM, 1991).

No final da década de 70, Valadares e a região que o município polarizava ressentiam, com mais intensidade, a perda de vitalidade econômica: apenas o setor terciário se vê fortalecido pelo aumento da comercialização do gado e das pedras semipreciosas (COSTA, 1991). Daí a evasão populacional evidenciada pela desaceleração abrupta das taxas de crescimento médio anual valadarense: na década de 70, essa taxa foi de 1,9% a. a., abaixo do ritmo de crescimento vegetativo, o que representa, com referência à década anterior, uma contração de mais de 52%.

O quadro econômico que vinha apresentando o município não se alterou nos anos 80, pelo contrário, ganha tons mais cinzas, sofre as consequências de uma crise econômica de envergadura nacional: o setor terciário já se encontrava, nessa década, saturado para a demanda regional; no setor primário, a principal atividade continuava sendo a pecuária em regime de criação extensiva de baixa produtividade; e o setor secundário apresentava níveis

pouco expressivos de industrialização, caracterizando-se pelo predomínio de unidades do ramo alimentício (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO 1982).

Em síntese, os anos 60 assistem à inversão da tendência de crescimento populacional, que atingira seu mais alto grau no período 1950/1960, no município de Valadares e na área por ele polarizada. Na década de 70, a evasão populacional ganha consistência não só nas áreas urbanas como nas áreas rurais da microrregião valadarense. As perdas migratórias prosseguem no decurso dos anos 80, conferindo à microrregião de Valadares as características de centro expulsor.

Vale do Aço: o espaço da grande indústria e da prosperidade

Na região, que mais tarde abrigará o Vale do Aço, recorte territorial mineiro constituído pelos municípios de Coronel Fabriciano, Ipatinga e Timóteo, poucas mudanças econômicas ocorreram no transcurso do século XIX. Surgem, isto sim, povoados de pouca monta entre os quais cabe registrar “... os arraiais de São Sebastião do Alegre Timóteo e Santo Antônio do Piracicaba, que deu origem à cidade de Coronel Fabriciano, ambos surgidos de sesmarias obtidas por concessão, em 1832, pelo fazendeiro Francisco de Paula Silva” (COSTA, 1995: 51).

A chegada, em 1922, dos trilhos da Estrada de Ferro Vitória-Minas à região vizinha ao encontro das águas dos rios Doce e Piracicaba, que ainda exibia a vegetação exuberante da Mata Atlântica, leva ao surgimento e à cristalização de entrepostos comerciais, embriões das principais cidades que aí florescerão, e estabelece condições indispensáveis à produção industrial. Na realidade, o período que antecede à implantação da indústria testemunha a irrelevante expressão econômica dessa região no estado mineiro: a população encontrava-se dispersa pelos campos, dedicada à atividade de subsistência, com poucas perspectivas de mudar a própria condição.

A inauguração, em 1937, da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, no município de João Monlevade, constitui o marco inicial da concentração de indústrias que vai se consolidando nas proximidades da confluência dos rios Doce e Piracicaba. A extração de carvão vegetal, para abastecer os alto-fornos dessa siderúrgica e alimentar o sistema ferroviário, torna-se a principal atividade econômica dos aglomerados populacionais que surgiram onde a Mata Atlântica foi devastada.

Com passar do tempo, a ferrovia e a abundância de matas e minério de ferro garantem, em 1944, a localização de outra siderúrgica no distrito de Timóteo: a Aços Especiais de Itabira (Acesita). Só então ela, a região, ganha relevância na história econômica de Minas Gerais.

Com efeito, a Belgo-Mineira, a Acesita e a produção sistemática da base urbana necessária ao funcionamento dessas siderúrgicas transformam a incipiente economia regional preexistente; suscitam a intensa redistribuição espacial da população, as profundas modificações na estrutura agrária e a expansão contínua do tecido urbano.

Seguindo os passos da Belgo-Mineira, que adquirira grandes extensões de terra no município de Coronel Fabriciano, para obter carvão vegetal da Mata Atlântica, a Acesita torna-se proprietária, entre 1944 e 1951, de aproximadamente 4 153 ha – cerca de 2/3 do município de Timóteo – de matas pertencentes a pequenos produtores. Logo, o processo migratório maciço do campo para a cidade foi aí estimulado não só pelos empregos diretos e indiretos gerados pelas siderúrgicas, mas pela intensa concentração de terras nas mãos dessas mesmas siderúrgicas (COSTA, 1995: 51).

A transferência do eixo dessa economia regional do setor primário para o secundário, promovido pela Acesita, ganha novo impulso com a chegada da Usiminas. Criada em 1956 e posta em funcionamento em 1962, a Usiminas instalou-se no então distrito de Ipatinga, em virtude da facilidade de transporte do carvão mineral (base de operação produtiva) e da própria produção siderúrgica, oferecida pela presença da estrada de ferro no distrito.

Com a Usiminas, as tendências observadas nos anos 50 continuam ao longo da década de 60, a saber: desarticulação das relações de produção no campo, produção de novos espaços urbanos, concentração fundiária, intensificação dos ganhos populacionais, crescimento econômico etc. É preciso assinalar que o ápice do extraordinário crescimento demográfico do recorte territorial em apreço ocorreu nessa década.

Os anos 70 assistem: i) à realização de grandes projetos de reflorestamento; ii) ao início das operações da Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra), em 1977, no município de Belo Oriente; iii) à expansão da pecuária; e iv), em especial, à consolidação do Aglomerado Urbano Vale do Aço (AUVA): conjunto formado pelo município original, Coronel Fabriciano, e pelos dois municípios dele desmembrados nos anos 60, Ipatinga e Timóteo, onde, vale lembrar, foram instaladas Usiminas e Acesita.

Em suma, o setor industrial firma-se, ao longo do período 1960/1980, como força determinante do intenso dinamismo dessa microrregião. De fato, tanto na base econômica do município de Ipatinga quanto no de Timóteo predominava, em 1980, a produção de bens intermediários: no caso ipatinguense, esses bens respondiam, nesse ano, por 53,9% do valor de transformação industrial, e os bens de capital e de consumo duráveis, ocupando a segunda posição, por 41,3%; em Timóteo, os bens intermediários participaram com 99,6% (CENSO INDUSTRIAL, 1980).

O rápido crescimento econômico da microrregião de Ipatinga sustentou as elevadas taxas de crescimento demográfico que aí se deram até 1980, transformando-a em local privilegiado de destino dos fluxos migratórios, principalmente, mas não apenas, de origem rural. Todavia, essa microrregião registra declínio de quase 78% da taxa de crescimento populacional do período 1970/1980 para o período 1980/1991 (CENSO, 1970, 1980, 1991). Maior desaceleração ocorreu no município de Ipatinga: nos anos 80 esse crescimento sofre refluxo superior a 85%. Tendência oposta é encontrada apenas na elevação de 0,02% para 0,5% a. a. na taxa de crescimento demográfico correspondente aos demais municípios que fazem parte da microrregião de Ipatinga (SOARES, 2002).

Década de 70 e de 80: a dinâmica migratória de Valadares e de Ipatinga no território brasileiro

Papel preponderante dos fluxos demográficos de saída de Valadares para outras microrregiões do Brasil é o que põe à mostra a TAB. 1: a emigração dessa microrregião sofreu declínio de quase 39 mil, e a imigração, pequeno aumento de pouco mais de 2 600 pessoas, do período 1970/1980 a 1981/1991. Com efeito, o balanço das trocas populacionais² valadarenses com o resto do país resultou em contração das perdas líquidas, que passaram de 64 mil, para pouco menos de 23 mil, entre os decênios 1970/1980 e 1981/1991.

TABELA 1: MICRORREGIÃO DE VALADARES E MICRORREGIÃO DE IPATINGA - IMIGRANTES⁽¹⁾ E EMIGRANTES⁽²⁾ INTERNOS DE ÚLTIMA ETAPA – 1970/1980 E 1981/1991

PERÍODO	GOVERNADOR VALADARES			IPATINGA		
	Imigrantes	Emigrantes	Imigrantes - Emigrantes	Imigrantes	Emigrantes	Imigrantes - Emigrantes
1970/1980	45.438	109.877	-64.439	103.478	44.392	59.086
1981/1991	48.101	70.927	-22.826	49.918	54.111	-4.193

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) - Censos Demográficos 1980 e 1991

NOTA: (1) Pessoas com menos de 10 anos de residência na microrregião, que tiveram como residência municípios de fora da microrregião

(2) Pessoas com menos de 10 anos de residência em municípios de fora da microrregião que tiveram como residência anterior municípios da microrregião

Já a microrregião de Ipatinga, em relação às trocas migratórias internas, experimentou, na década de 70, ganhos superiores às perdas populacionais: o total de imigrantes girou ao redor de 103 mil, ao passo que o número de emigrantes foi da ordem de 44 mil pessoas. O decênio 1981/1991 presencia inflexão de tendência; o balanço das entradas e saídas populacionais

² É de capital importância repisar no princípio de que a diferença entre imigrantes e emigrantes de última etapa não representa o saldo migratório porque: i) essa diferença não leva em conta os migrantes internacionais; e ii) saldo migratório consiste no ganho líquido de população oriundo das migrações ocorridas entre duas datas fixas. Assim, as análises que se fazem nesta seção consideram a diferença entre imigrantes e emigrantes de última etapa como algo próximo da contribuição do processo migratório para o crescimento populacional de certo período.

assume, em Ipatinga, sinal negativo: cerca de quatro mil pessoas constituíram a perda líquida ipatinguense nesse período.

O mapa de preferências dos emigrantes de Valadares e Ipatinga, em relação às unidades da federação brasileira, adquire contornos bem visíveis, na configuração exibida pelos dados da TAB. 2.

Nos anos 70, o Sudeste abrigou 86,6% das pessoas que deixaram de residir na microrregião de Valadares. Minas e São Paulo foram os estados que mais receberam “valadarenses”: no primeiro estado, ficaram 56,8% desses migrantes – mais de 62 mil pessoas; para o segundo, encaminharam-se 18,9% – quase 21 mil pessoas. Para além dos limites da região Sudeste, em proporções menores, os emigrantes “valadarenses” dirigiram-se ao Mato Grosso (3,2%), ao Pará (2,4%) e a Rondônia (2,2%).

TABELA 2: MICRORREGIÃO DE VALADARES E MICRORREGIÃO DE IPATINGA – EMIGRANTES INTERNOS DE ÚLTIMA ETAPA⁽¹⁾ POR GRANDES REGIÕES E PRINCIPAIS UNIDADES DA FEDERAÇÃO DE DESTINO – 1970/1980 E 1981/1991.

ESTADOS REGIÕES	GOVERNADOR VALADARES				IPATINGA			
	1970/1980		1981/1991		1970/1980		1981/1991	
	abs	%	abs	%	abs	%	abs	%
Rondônia	2.455	2,2	4.388	6,2	183	0,4	1.046	1,9
Pará	2.597	2,4	1.338	1,9	258	0,6	533	1,0
Norte	5.270	4,8	5.950	8,4	471	1,1	1.611	3,0
Bahia	1.142	1,0	1.054	1,5	463	1,0	514	0,9
Nordeste	2.228	2,0	1.667	2,4	861	1,9	1.079	2,0
Minas Gerais	62.390	56,8	37.752	53,2	30.991	69,8	34.301	63,4
Espírito Santo	7.170	6,5	9.800	13,8	3.888	8,8	9.613	17,8
Rio de Janeiro	4.818	4,4	2.536	3,6	1.694	3,8	1.222	2,3
São Paulo	20.817	18,9	9.788	13,8	5.840	13,2	5.461	10,1
Sudeste	95.195	86,6	59.876	84,4	42.413	95,5	50.597	93,5
Paraná	912	0,8	436	0,6	59	0,1	146	0,3
Sul	1.020	0,9	566	0,8	160	0,4	260	0,5
Mato Grosso	3.524	3,2	1.674	2,4	106	0,2	335	0,6
DF	1.485	1,4	569	0,8	283	0,6	152	0,3
Centro-Oeste	5.009	4,6	2.243	3,2	389	0,9	487	0,9
TOTAL	109.877	100	70.927	100	44.392	100	54.111	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) - Censos Demográficos 1980 1991

NOTA: (1) Pessoas com menos de 10 anos de residência em municípios fora da microrregião que tiveram como residência anterior municípios da microrregião.

Caso não fosse o aumento da participação de Rondônia, na pauta de interesses dos emigrantes “valadarenses” – de 2,2%, na década de 70, esse estado passou a receber 6,2% das pessoas oriundas da microrregião de Valadares –, poder-se-ia dizer que houve pouca alteração na

composição dos percentuais que dá conta da disposição desses emigrantes pelos estados brasileiros no período 1981/1991.

Das perdas populacionais valadarenses, 84,4% foram para estados do Sudeste: em Minas, ficaram 53% das pessoas que partiram de Valadares entre 1981 e 1991. Espírito Santo e São Paulo que, na década de 70, retiveram 6,5% e 18,9% dos emigrantes “valadarenses”, respectivamente, passaram a absorver, no período 1981/1991, igual proporção desse mesmo fluxo (13,8%).

A pauta de interesses dos emigrantes “ipatinguenses”, em relação aos estados de destino, assemelha-se muito à dos emigrantes “valadarenses”. Nos anos 70, das pessoas que se mudaram da microrregião de Ipatinga, 95,5% foram acolhidos pelos estados do Sudeste. Sobressaem, como maiores receptores dessa região, Minas, São Paulo e Espírito Santo: aquele estado respondeu pela recepção de quase 70%; esse, por 13,2%, e este, por 8,8%.

Houve, no período 1981/1991, modificação pouco significativa na distribuição dos emigrantes da microrregião de Ipatinga pelos estados de destino. No Sudeste, que reteve 93,5% desses emigrantes, Minas desponta como maior receptor – para esse estado, foram 63% das perdas populacionais ipatinguenses. Da década de 70 para a de 80, São Paulo passa a abrigar parcela menor da emigração de Ipatinga (10%), ao passo que o Espírito Santo, proporção maior – quase 18%.

Os ganhos populacionais tidos por Valadares e Ipatinga, no intervalo de 1970 e 1991, levam ao conhecimento da outra face que a dinâmica migratória assume nessas microrregiões (TAB. 3). Na década de 70, das pessoas que migraram para Valadares 91% tinham residência anterior no Sudeste. Maior participação relativa nos fluxos de entrada em solo valadarense, tiveram os indivíduos procedentes de outras microrregiões mineiras (74,4%), cerca de 34 mil imigrantes.

TABELA 3: MICRORREGIÃO DE VALADARES E MICRORREGIÃO DE IPATINGA – IMIGRANTES INTERNOS DE ÚLTIMA ETAPA⁽¹⁾ POR GRANDES REGIÕES E PRINCIPAIS UNIDADES DA FEDERAÇÃO DE ORIGEM – 1970/1980 E 1981/1991

ESTADOS REGIÕES	GOVERNADOR VALADARES				IPATINGA			
	1970/1980		1981/1991		1970/1980		1981/1991	
	abs	%	abs	%	abs	%	abs	%
Rondônia	159	0,3	888	1,8	4	0,04	503	1,0
Pará	138	0,3	729	1,5	235	0,2	184	0,4
Norte	301	0,7	1.659	3,4	239	0,2	758	1,5
Bahia	1.399	3,1	1.227	2,6	1.026	1,0	459	0,9
Nordeste	1.879	4,1	2.314	4,8	1.767	1,7	905	1,8
Minas Gerais	33.797	74,4	30.862	64,2	90.473	87,4	39.055	78,2
Espírito Santo	2.498	5,5	4.373	9,1	3.356	3,2	3.031	6,1
Rio de Janeiro	1.973	4,3	2.606	5,4	2.259	2,2	1.570	3,1
São Paulo	3.146	6,9	5.352	11,1	3.856	3,7	3.387	6,8
Sudeste	41.414	91,1	43.193	89,8	99.944	96,6	47.043	94,2
Paraná	555	1,2	281	0,6	595	0,6	284	0,6
Sul	709	1,6	368	0,8	706	0,7	356	0,7
Mato Grosso	558	1,2	209	0,4	121	0,1	413	0,8
DF	314	0,7	151	0,3	340	0,3	161	0,3
Centro-Oeste	1.135	2,5	567	1,2	822	0,8	856	1,7
TOTAL	45.438	100	48.101	100	103.478	100	49.918	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRONDADOS) - Censos Demográficos 1980 e 1991

NOTA: Pessoas com menos de 10 anos de residência nos municípios da microrregião que tiveram como residência anterior municípios de fora da microrregião.

Pouca alteração presenciou o decênio 1981/1991 quanto à origem da imigração para Valadares. Em outras microrregiões do Sudeste, tinham residência anterior 90% dos migrantes que se estabeleceram, nesse período, em território valadarense. A participação dos mineiros, nessa corrente migratória, admitiu decréscimo de aproximadamente 8,7%, isto é, gravitou ao redor de 64% (30 862 pessoas). Digno de nota é o aumento da contribuição de paulistas, no fluxo de pessoas que decidiram morar na microrregião de Valadares – de 7%, nos anos 70, essa contribuição sobe para 11%, entre 1981/1991.

Quanto à origem, os imigrantes de última etapa da microrregião de Ipatinga apresentaram distribuição bem semelhante à de Valadares. A quase totalidade das pessoas que, entre 1970 e 1980, passou a residir em Ipatinga (96,6%) tiveram como destino os estados do Sudeste. Também, nesse caso, contribuíram os mineiros com o maior percentual dos ganhos populacionais ipatinguenses (87,4%).

A participação dos estados brasileiros de onde saíram mais migrantes para Ipatinga sofre modificação de pouco vulto no período 1981/1991. O Sudeste continua sendo a origem da grande maioria dos migrantes que entraram em Ipatinga, nesse período. Apesar de ter suportado pequena queda, a participação relativa de Minas Gerais permaneceu alta (78,2%).

Ao contrário de Minas, São Paulo e Espírito Santo vêm a sua contribuição ampliada – naquele estado, passa de 3,2% a 6%, e neste, de 3,7% a 6,8%, entre 1970/1980 e 1981/1991.

Se o olhar agora busca maior precisão, é necessário dar conta das trocas populacionais entre Valadares, Ipatinga e recortes territoriais menores. Para tanto, o primeiro passo consiste em pôr em evidência, nos estados que mais receberam emigrantes de Valadares e de Ipatinga, as microrregiões que se apresentaram a tais emigrantes como objeto de maior interesse.

As perdas populacionais valadarenses (TAB. 4) para outras microrregiões mineiras concentraram-se, nos anos 70, em Belo Horizonte e Ipatinga: das 62 mil pessoas que, nesse período, saíram de Valadares 52% foram para aquela microrregião e 25%, para esta. Belo Horizonte e Ipatinga permaneceram, na década de 80, como principais territórios de destino dos emigrantes “valadarenses”: de quase 38 mil “valadarenses” cuja migração ocorreu dentro da circunscrição territorial mineira, 49% dirigiram-se a terras belo-horizontinas e 15%, a ipatinguenses.

No estado fluminense, a microrregião do Rio de Janeiro recebeu, nos anos 70, a mais alta fração de emigrantes “valadarenses”: 80%, de quase 5 mil pessoas. A posição hegemônica da microrregião do Rio de Janeiro não se alterou, a despeito de ter acolhido percentual sensivelmente menor dos 2 536 migrantes de última etapa de Valadares, que ingressaram no território fluminense; no decênio 1981/1991, coube a ela 67% desse total. Como ocorreu em relação ao estado de São Paulo, também houve diversificação das microrregiões fluminenses que receberam emigrantes “valadarenses”, entre os anos 70 e 80, sobressai além, além da microrregião do Rio de Janeiro, a microrregião de Cabo Frio (6%), Volta Redonda (6,2%) e Petrópolis (5,7%).

TABELA 4: MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES – EMIGRANTES INTERNOS DE ÚLTIMA ETAPA⁽¹⁾ SEGUNDO PRINCIPAIS ESTADOS E MICRORREGIÕES DE DESTINO – 1970/1980 E 1981/1991

MICRORREGIÕES / ESTADOS	EMIGRANTES			
	1970/1980		1981/1991	
	abs	% ⁽²⁾	abs	%
Belo Horizonte	32.124	51,5	18.346	48,6
Ipatinga	15.545	24,9	5.684	15,1
Caratinga	-	-	1.930	5,1
Minas Gerais	62.390	100	37.752	100
Colatina	672	9,4	719	7,3
Linhares	708	9,9	-	-
Vitória	4.631	64,6	7.042	71,9
Espírito Santo	7.170	100	9.800	100
Rio de Janeiro	3.867	80,3	1.694	66,8
Rio de Janeiro	4.818	100	2.536	100
Campinas	-	-	933	9,5
São José dos Campos	-	-	570	5,8
Osasco	1.344	6,5	528	5,4
São Paulo	13.773	66,2	4390	44,9
São Paulo	20.817	100	9788	100
Tangará da Serra	584	16,6	-	-
Mirassol d'Oeste	1514	43	-	-
Cuiabá	215	6,1	-	-
Rondonópolis	401	11,4	-	-
Mato Grosso	3524	100	-	-
Porangatu	471	50,3	-	-
Goiânia	166	17,7	-	-
Goiás	936	100	-	-
Porto Velho	-	-	273	6,2
Ariquemes	-	-	439	10
Ji-Paraná	-	-	2000	45,6
Cocoal	-	-	675	15,4
Pimenta Bueno	-	-	221	5
Colorado d'Oeste	-	-	550	12,5
Rondônia	-	-	4388	100
Salvador	-	-	166	15,7
Vitória da Conquista	-	-	246	23,3
Texeira de Freitas	-	-	359	34,1
Bahia	-	-	1054	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1980 e 1991

NOTA: (1) Pessoas com menos de 10 anos de residência fora da microrregião que tiveram como residência anterior municípios da microrregião.

(2) Participação relativa da microrregião no total dos emigrantes de Governador Valadares que chegou ao estado.

A emigração valadarense para Rondônia eleva-se de 2 455 para 4 388 pessoas, entre 1970/1980 e 1981/1991. Nesse estado, as microrregiões que mais se beneficiaram desse movimento ascendente dos fluxos migratórios, originários de Valadares, no decênio 1981/1991, foram Ji-Paraná, Ariquemes e Porto Velho, com 45,6%, 10% e 6,2%, respectivamente. Cocoal, que teve a capacidade de atração diminuída, e Colorado d'Oeste,

que não fazia parte da pauta de interesses dos emigrantes de Valadares na década de 70, foram responsáveis pela absorção de 15,4% e 12,5% desses emigrantes nos anos 80.

As microrregiões que mais despertaram o interesse dos emigrantes de Ipatinga, nos períodos 1970/1980 e 1981/1991 (TAB. 5), encontram-se em terras mineiras. De fato, 70% das perdas populacionais ipatinguenses restringiram-se aos limites de Minas. Entre as microrregiões mineiras, Belo Horizonte reteve a maior proporção dos emigrantes de Ipatinga, tanto na década de 70 (44,3% de 30 991 pessoas) quanto na de 80 (35,3% de 34 301 pessoas).

TABELA 5: MICRORREGIÃO DE IPATINGA – EMIGRANTES INTERNOS DE ÚLTIMA ETAPA⁽¹⁾
SEGUNDO PRINCIPAIS ESTADOS E MICRORREGIÕES DE DESTINO – 1970/1980 E 1981/1991

MICRORREGIÕES / ESTADOS	EMIGRANTES			
	1970/1980		1981/1991	
	abs	% ⁽²⁾	abs	%
Belo Horizonte	13.716	44,3	12.118	35,3
Itabira	3.226	10,4	3.576	10,4
Conselheiro Lafaete	2.370	7,6	2.146	6,3
Governador Valadares	2.895	9,3	4.646	13,5
Caratinga	4.677	15,1	4.662	13,6
Minas Gerais	30.991	100	34.301	100
Vitória	3.089	55,3	8.299	86,3
Espírito Santo	3.888	100	9.613	100,0
Volta Redonda	551	9,9	346	28,3
Petrópolis			62	5,1
Rio de Janeiro	950	17,0	724	59,2
Rio de Janeiro	1.694	100	1.222	100
Campinas			385	7
São Paulo	4.218	72,2	2.646	48,5
Santos			608	11,1
São Paulo	5.840	100	5.461	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1980 e 1991

NOTA: (1) Pessoas com menos de 10 anos de residência fora da microrregião que tiveram como residência anterior municípios da microrregião.

(2) Participação relativa da microrregião no total dos emigrantes de Governador Valadares que chegou ao estado.

Valadares, que se situava em quarto lugar, na ordem de interesses das pessoas que se mudaram de Ipatinga, no período 1970/1980, posição inferior à posição ocupada pela microrregião de Caratinga e de Itabira, alcança, junto com Caratinga, o segundo lugar nessa ordem, no decênio 1981/1991: de 9,3%, Valadares passou a acolher 13,5% dos emigrantes “ipatinguenses”.

Nos dois períodos, os emigrantes “ipatinguenses” apresentaram destino mais diversificado no estado de Minas Gerais do que os migrantes de Valadares. Entre as microrregiões mineiras que receberam migrantes de Ipatinga destacam-se além da microrregião de Belo Horizonte e de Valadares, outras microrregiões situadas na vizinhança ipatinguense.

O Espírito Santo, que de 7,8%, nos anos 70, chega a receber 17,8% do fluxo de emigrantes de Ipatinga entre 1981/1991, concentra, na microrregião de Vitória, a maior proporção desse fluxo. Das 3 888 pessoas que se mudaram para o Espírito Santo na década de 70, vindas de Ipatinga, 79,4% ficaram em Vitória. No decênio seguinte, essa proporção experimenta grande acréscimo – mais de 86% dos 9 813 ipatinguenses que decidiram morar em território espírito-santense estabeleceram-se na microrregião de Vitória.

O percentual das perdas populacionais de Ipatinga para São Paulo sofre redução entre as duas décadas. Com efeito, a participação relativa desse estado, no total de “ipatinguenses” que para aí migraram, caiu de 13,2%, no período 1970/1980, para 10%, entre 1981 e 1991. A microrregião de São Paulo concentrou 72,2% dos 5 840 emigrantes de Ipatinga, na década de 70; proporção que, nos anos 80, suporta contração – 48,5% dos 5 461 emigrantes “ipatinguenses”. Santos e Campinas destacaram-se por acolher 11% e 7% dessa emigração no decênio 1981/1991. Como ocorreu no caso de Valadares, entre os períodos analisados houve diversificação das microrregiões de destino dos migrantes “ipatinguenses” que se dirigiram para o estado de São Paulo: se, nos anos 70, sobressai apenas a microrregião de São Paulo, no decênio seguinte, destacam-se a microrregião de Campinas e de Santos.

O Rio de Janeiro recebeu, em comparação com outros estados do Sudeste, pequena proporção do total de emigrantes de Ipatinga, tanto na década de 70 (3,8%) quanto na de 80 (2,3%). A microrregião do Rio de Janeiro constitui a grande preferência dos “ipatinguenses” que foram para o estado fluminense – aí se fixaram 56,1%, no período 1970/1980, e 60%, entre 1981 e 1991.

A discriminação dos ganhos populacionais de Valadares e Ipatinga de acordo com os estados e as microrregiões que mais enviaram migrantes para solo ipatinguense e/ou valadarense é o que deve ser feito na seqüência.

Das microrregiões mineiras, Belo Horizonte, Teófilo Otoni, Caratinga e Aimorés constituíram a origem de 46% dos migrantes “mineiros” que se mudaram para Valadares, na década de 70 (TAB. 6). Peçanha, Mantena e Ipatinga tiveram participação menor nos fluxos para Valadares: aquela microrregião respondeu por 9,3%, essa, por 8,7% e esta, por 8,6%, dos quase 34 mil “mineiros” que decidiram viver em território valadarense.

TABELA 6: MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES – IMIGRANTES DE INTERNOS
ÚLTIMA ETAPA⁽¹⁾ SEGUNDO PRINCIPAIS ESTADOS E MICRORREGIÕES DE RESIDÊNCIA
ANTERIOR – 1970/1980 E 1981/1991

MICRORREGIÕES / ESTADOS	IMIGRANTES			
	1970/1980		1981/1991	
	abs	%	abs	%
Feira de Santana	-	-	186	15,2
Salvador	141	10,1	125	10,2
Vitória da Conquista	395	28,2	-	-
Texeira de Freitas	210	15	290	23,6
Bahia	1399	100	1.227	100
Teófilo Otoni	3815	11,3	3.258	10,6
Belo Horizonte	4640	13,7	6.140	19,9
Itabira	-	-	1.191	3,9
Guanhães	1977	5,8	-	-
Peçanha	3134	9,3	2.250	7,3
Mantena	2952	8,7	1.972	6,4
Ipatinga	2895	8,6	4.646	15,1
Caratinga	3638	10,8	2.556	8,3
Aimorés	3602	10,7	2.331	7,6
Minas Gerais	33797	100	30.862	100
Barra de São Francisco	395	15,8	235	5,4
Colatina	515	20,6	486	11,1
Linhares	205	8,2	293	6,7
Vitória	975	39	2.913	66,6
Espírito Santo	2498	100	4.373	100
Rio de Janeiro	1681	85,2	2.359	90,5
Rio de Janeiro	1973	100	2.606	100
São Paulo	2627	83,5	3.990	74,6
São Paulo	3146	100	5.352	100
Cascavel	139	25	-	-
Paraná	555	100	-	-
Tangará da Serra	149	26,7	-	-
Carceres	147	26,3	-	-
Rondonópolis	155	27,8	-	-
Mato Grosso	558	100	-	-
Ariquemes	-	-	226	25,5
Ji- Paraná	-	-	425	47,9
Cocoal	-	-	127	14,3
Rondônia	-	-	888	100
Belém	-	-	251	34,4
Paragominas	-	-	202	27,7
Pará	-	-	729	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1980 e 1991

NOTA: (1) Pessoas com menos de 10 anos de residência fora da microrregião que tiveram como residência anterior municípios da microrregião.

(2) Participação relativa da microrregião no total dos emigrantes de Governador Valadares que chegou ao estado.

O decênio 1981/1991 assistiu ao incremento da contribuição de Ipatinga aos ganhos migratórios valadarenses. Dos 30 862 “mineiros” que, nesse período, migraram para Valadares, 15% procederam de limites territoriais ipatinguenses, o que confere a essa mesma Ipatinga o segundo lugar na hierarquia das microrregiões mineiras que mais transferiram pessoas para Valadares. Belo Horizonte tem o primeiro lugar, ratificado nessa hierarquia, ao responder por 20% dos “mineiros” que tomaram como destino Valadares. Caratinga, Peçanha

e Mantena vêm sua participação nos fluxos migratórios para a microrregião valadarense reduzida nesse período.

A microrregião de São Paulo foi origem de 83,5% dos 3 146 migrantes do estado paulista que decidiram morar em Valadares, na década de 70. Essa participação diminui, na década seguinte, para 74,6% de um conjunto maior de imigrantes, 5 352. Enfim, a microrregião de São Paulo reina absoluta em face das demais microrregiões paulistas quanto à contribuição aos ganhos demográficos valadarense.

Posição igual à da microrregião de São Paulo, no estado paulista, ocupa a microrregião do Rio de Janeiro, no estado fluminense. Entre 1970/1980 e 1981/1991, a participação relativa dessa microrregião no total de pessoas que residia no Rio de Janeiro e resolveu migrar para Valadares elevou-se de 85,2%, de quase 2 mil, para 90,5%, de aproximadamente 2 600 pessoas.

Destaca-se, no Espírito Santo, o crescimento expressivo da contribuição de Vitória: a microrregião vitoriense foi responsável por 39% das 2 498 pessoas que, na década de 70, saíram do Espírito Santo para residir em Valadares; e, nos anos 80, por 66,6% dos 4 373 “espírito-santenses” que tomaram decisão de viver na microrregião valadarense. Colatina e Barra do São Francisco que, nos anos 70, cooperaram com 20,6% e 15,8%, passam, no período 1981/1991, a um patamar bem menor: 11% e 5,4%.

Na Bahia, a microrregião de Vitória da Conquista foi responsável, na década de 70, pela maior remessa de migrantes a Valadares: 28% dos 1 400 “baianos” que se transferiram para a microrregião valadarense eram “conquistenses”. Ademais, 15%, 10% e 8% desse total de migrantes “baianos”, nos anos 70, saíram de Teixeira de Freitas, Salvador e Feira de Santana, respectivamente.

Feira de Santana distinguiu-se, no decênio 1981/1991, por ter sido palco das maiores perdas populacionais para Valadares. Essa microrregião foi responsável por 15% da migração “baiana” para o território valadarense. Nesse mesmo decênio, Salvador permaneceu contribuindo com igual proporção de imigrantes da década de 70, a saber, 10%. Vitória da Conquista passou a cooperar com apenas 7% dos pouco mais de 1 000 “baianos” que se instalaram em Valadares.

Os dados sobre os fluxos migratórios com destino a Ipatinga dão conta da preponderante presença de Minas, tanto nos anos 70 quanto nos 80 (TAB. 7). Das 90 473 pessoas oriundas de outras microrregiões mineiras que, na década de 70, transferiram-se para Ipatinga, 26,5% eram de Caratinga, 17,2% de Governador Valadares e 13% de Itabira. Entre 1981 e 1991, Itabira cede lugar a Belo Horizonte que passa a contribuir com 13,6% dos 39 mil mineiros que

resolveram morar em Valadares. Caratinga e Valadares responderam pela maior parcela dos ganhos populacionais de Ipatinga originários do solo de Minas: a primeira microrregião compareceu com 27,7%, e a segunda, com 14,6% dos imigrantes “mineiros”.

TABELA 7: MICRORREGIÃO DE IPATINGA – IMIGRANTES INTERNOS DE ÚLTIMA ETAPA⁽¹⁾
SEGUNDO PRINCIPAIS ESTADOS E MICRORREGIÕES DE RESIDÊNCIA ANTERIOR –
1970/1980 E 1981/1991

MICRORREGIÕES / ESTADOS	IMIGRANTES			
	1970/1980		1981/1991	
	abs.	%	abs.	%
Belo Horizonte	7.700	8,5	5.323	31,6
Itabira	11.717	13	4.818	12,3
Governador Valadares	15.545	17,2	5.684	14,6
Caratinga	23.974	26,5	10.797	27,6
Aimorés	6.213	6,9	-	-
Minas Gerais	90.473	100	39.055	100
Barra de São Francisco	463	13,8		
Colatina	834	24,9	179	5,9
Linhares	301	9	164	5,4
Vitória	1.259	37,5	2237	73,8
Espírito Santo	3.356	100	3031	100
Volta Redonda	-	-	185	11,8
Petrópolis	-	-	93	5,9
Rio de Janeiro	1.675	74,1	1098	69,9
Rio de Janeiro	2.259	100	1570	100
São Paulo	2.701	70	2.454	72,5
Moji das Cruzes	195	5,1	-	-
Santos	255	6,6	176	5,2
São Paulo	3.856	100	3387	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRONDADOS) – Censos Demográficos 1980 e 1991

NOTA: (1) Pessoas com menos de 10 anos de residência fora da microrregião que tiveram como residência anterior municípios da microrregião.

(2) Participação relativa da microrregião no total dos emigrantes de Governador Valadares que chegou ao estado.

Vitória e Colatina exibiram, no período 1970/1980, as maiores perdas populacionais do Espírito Santo para Ipatinga: 37,5% dos 3 350 “espírito-santenses” que migraram para solo ipatinguense habitavam aquela microrregião e 25% residiam nesta. O decênio 1981/1991 consolida, em relação às demais microrregiões do estado, a supremacia de Vitória nos fluxos imigratórios para Ipatinga: quase 74% das pessoas que saíram do Espírito Santo, nesse recorte temporal, para residir em Ipatinga, eram “vitorienses”.

A microrregião de São Paulo deu conta de 70% dos 3 856 “paulistas” que se mudaram para terras ipatinguenses, entre 1970 e 1980. Percentual esse que sofre pequena elevação no decênio 1981/1991: 72,5% de um total de 3 387 “paulistas”.

No estado fluminense, ocorre pequeno declínio da contribuição da microrregião do Rio de Janeiro aos fluxos migratórios que se dirigiram a Ipatinga. Essa microrregião, que concorria, na década de 70, com 74% dos ganhos populacionais ipatinguenses originários do estado do

Rio – cerca de 2 200 pessoas – compareceu, na década seguinte, com 70% desses mesmos ganhos – perto de 1 600 pessoas. A participação de Volta Redonda nessa dinâmica imigratória, nos anos 80, merece ressalva: 12% dos migrantes do estado que se transferiram para Ipatinga eram “volta-redondenses”.

Conclusão

A análise das relações existentes entre as grandes mudanças ocorridas na dinâmica de localização espacial da população brasileira e a configuração espacial assumida pelas trocas populacionais internas de Valadares e de Ipatinga revela tendências migratórias opostas entre toda a Minas Gerais e as microrregiões valadarense e ipatinguense, nas décadas de 1940 e 1950.

Nessas décadas, ao passo que Minas, bem como o Nordeste, constituía o principal reservatório de força de trabalho no Brasil e alimentava enormes perdas populacionais para o eixo Rio-São Paulo e para as fronteiras agrícolas do Paraná e Centro-Oeste. Valadares desfrutava os ventos da prosperidade econômica, firmava-se como pólo regional e atingia, por receber grande massa de migrantes do Nordeste e de regiões vizinhas, o auge do crescimento demográfico. Ao mesmo tempo, microrregião de Ipatinga presencia a instalação da primeira siderúrgica em Timóteo, a Acesita, ou melhor, a transferência do eixo econômico do setor primário para o secundário, o que torna as áreas urbanas dessa microrregião destino de um número crescente de migrantes.

O apogeu do crescimento da população ipatinguense ocorreu entre 1960 e 1970 – dez anos depois de Valadares ter atingido seu mais alto grau de crescimento demográfico –, quando entra em funcionamento mais uma siderúrgica em suas terras, a Usiminas. Continua, portanto, o círculo virtuoso da economia de Ipatinga com seus desdobramentos no campo migratório: elevam-se, nesse período, os ganhos populacionais dessa microrregião mineira. E Valadares, mesmo crescendo a taxas menores – a economia extrativista encontrara, no final dos anos 60, obstáculos à própria expansão –, permaneceu como território de atração populacional. Ao contrário de Valadares e Ipatinga, Minas, como o Nordeste, continua a responder pela maior parte da emigração acumulada no Brasil, entre 1960 e 1970. Vale guardar, então, que as microrregiões de Valadares e de Ipatinga apresentavam-se, pelo dinamismo econômico delas nesse período, como territórios de atração migratória, ao mesmo tempo em que o atraso relativo e a evasão populacional do estado mineiro intensificaram-se.

A despeito de Minas ter aproveitado as possibilidades de crescimento abertas pela economia nacional nos anos 70, Valadares expõe a fragilidade da própria economia que se sustentara até

a década de 60 no extrativismo mineral e vegetal. Os fluxos migratórios sentiram essa inflexão econômica descendente, e a região valadarense tornou-se cenário de intensas perdas populacionais.

O balanço das trocas populacionais em Ipatinga, ao contrário do que se deu em Valadares, registrou sinal positivo: os fluxos migratórios de entrada superaram os de saída na década de 70; o que constitui, sobretudo, reflexo do dinamismo do setor secundário.

A distribuição espacial interna dos emigrantes valadarenses, nos anos 70, revela que a quase totalidade deles restringiu o próprio deslocamento aos limites territoriais do Sudeste. De fato, os fluxos concentraram-se em Minas e São Paulo; Rio de Janeiro e Espírito Santo receberam proporções bem menores desses mesmos emigrantes. Os dados tornam evidente que os emigrantes valadarenses que não foram além dos limites territoriais de Minas concentraram-se em Belo Horizonte e Ipatinga. Valadares acompanha a tendência das perdas populacionais mineiras para os estados paulista e fluminense, sobretudo, para a microrregião de São Paulo, naquele caso, e para a microrregião do Rio de Janeiro, neste. No Espírito Santo, a microrregião de Vitória é o território que atraiu o maior número de valadarenses.

Tendo em conta os fluxos migratórios fronteiriços e os valadarenses que migraram para o Mato Grosso e Goiás, nesse período, embora fossem estes em número bem menor do que os emigrantes cujo destino restringiu-se ao Sudeste, vem à tona que a microrregião de Valadares contribuiu para engrossar o fluxo de mineiros que se dirigiu à fronteira Centro-Oeste.

A discriminação dos ganhos populacionais de Valadares mostra que de outras microrregiões mineiras veio a grande maioria das pessoas que passaram a residir em solo valadarense, na década de 70. Entre essas microrregiões, destacam-se, pela maior contribuição às correntes imigratórias para Valadares, Belo Horizonte, Teófilo Otoni, Aimorés e Caratinga. Já a participação dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo foi bem inferior à mineira.

Os emigrantes de Ipatinga exibiram, nos anos 70, uma pauta de interesses pelos estados brasileiros bem parecida com a de Valadares. No entanto, a concentração desses mesmos emigrantes nos estados do Sudeste foi bem superior à da circunscrição valadarense: Minas Gerais, sobretudo as microrregiões de Belo Horizonte, Caratinga e Itabira, sobressai como grande receptor nessa região. O estado paulista ocupa o segundo lugar nesse campo de preferências; e a microrregião de São Paulo exerce aí supremacia na atração dos ipatinguenses. No Espírito Santo, Vitória concentra a maior quantidade de emigrantes de Ipatinga, e, no estado fluminense, a microrregião do Rio de Janeiro ocupa essa posição.

Além disso, os registros sobre as perdas populacionais de Ipatinga para os estados que se relacionam às ondas de expansão da fronteira agrícola informam a quase ausência dessa microrregião dos fluxos migratórios de Minas que, nesse período, orientaram-se para o interior brasileiro.

Quanto à migração que teve como destino Ipatinga, entre 1970 e 1980, é clara a hegemonia dos naturais do Sudeste. Minas respondeu pela grande maioria das pessoas que decidiu residir em solo ipatinguense nessa quadra; e Caratinga, Valadares e Itabira contribuíram com a maior fração dos mineiros. Depois, na ordem dos estados que mais enviaram migrantes para Ipatinga, despontam São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro: as microrregiões de São Paulo, Vitória e Rio de Janeiro acusaram, em tais estados, as maiores perdas populacionais para o solo ipatinguense.

Enfim, as trocas migratórias de Valadares e de Ipatinga, nos anos 70, quase que se restringiram aos estados do Sudeste. Em tais estados, preponderância coube às regiões metropolitanas tanto no tocante às perdas quanto em relação aos ganhos populacionais valadarenses e ipatinguenses. Além disso, papel hegemônico desempenhou Minas Gerais nessa região, porque os emigrantes de Valadares e Ipatinga, dessa década, permaneceram sobretudo em território mineiro e a origem da pessoas que passaram a residir em solo valadarense ou ipatinguense circunscreveu-se, por excelência, aos limites de Minas.

A grave crise econômica vivida pelo Brasil, nos anos 80, exerceu forte impacto sobre as migrações: as regiões de atração migratória tiveram essa capacidade reduzida ao mesmo tempo em que cresceu a migração de retorno. O desempenho da economia mineira experimentou os efeitos nefastos dessa crise. Ainda assim, Minas foi com São Paulo grande responsável pelo crescimento demográfico do Sudeste, no período 1981/1991; teve as perdas populacionais diminuídas e os ganhos populacionais ampliados em razão do aumento dos imigrantes de retorno.

A relativa estagnação enfrentada pela economia de Valadares, entre 1970 e 1980, ganhou maior peso na década de 80. O balanço demográfico das entradas e saídas constituem reflexo desse quadro econômico valadarense, pois esse balanço acusa sinal negativo: o número de emigrantes consente em pequena queda ao passo que o de imigrantes admite pequeno aumento.

A disposição dos emigrantes de Valadares pelas unidades da federação brasileira, no período 1981/1991, informa que nos estados do Sudeste se fixou a grande maioria desses emigrantes. Com efeito, as perdas populacionais valadarenses concentraram-se, especialmente, no solo de Minas Gerais; nesse estado, as microrregiões de Belo Horizonte e Ipatinga permaneceram

como principais territórios de chegada. Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro ocuparam os lugares subseqüentes na ordem de preferências dos que se mudaram de Valadares nessa década; e as microrregiões de Vitória, São Paulo e Rio de Janeiro abrigaram, em tais estados, a maior fração de valadarenses.

Os fluxos migratórios que, nos anos 80, tiveram como destino o estado de Rondônia inscrevem a microrregião de Valadares no último movimento de expansão da fronteira agrícola – o Norte. A política de incentivos fiscais e os intensos investimentos levados a cabo pelo Regime Militar devem ter atraído os migrantes valadarenses.

Quanto aos ganhos populacionais de Valadares, entre 1981/1991, vale lembrar o fato de que a maioria das pessoas que resolveu morar em chão valadarense veio de outras microrregiões mineiras. Pela maior contribuição aos fluxos imigratórios para Valadares, tomam vulto, entre essas microrregiões, Belo Horizonte e Ipatinga. Além disso, na hierarquia dos estados que mais enviaram pessoas para a microrregião valadarense, com participação bem aquém da mineira, seguem São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Em terras mineiras encontram-se as microrregiões que mais interesse despertaram nos emigrantes de Ipatinga. Belo Horizonte, Valadares e Caratinga retiveram a maior proporção de ipatinguenses que se estabeleceu em Minas. No Espírito Santo, a microrregião de Vitória reteve o maior número de pessoas que optaram por residir dentro dos limites territoriais espírito-santenses. As microrregiões de São Paulo, no estado paulista, e do Rio de Janeiro, no estado fluminense, acolheram a fração mais alta da emigração de Ipatinga.

Nos anos 80, Rondônia passa a fazer parte da pauta de interesses dos emigrantes de Ipatinga. Com efeito, irrigária na década de 70, a emigração de ipatinguenses para esse estado atinge, no período 1981/1991, um volume seis vezes superior ao que vigorara naquela década. Em proporções menores do que a valadarense, Ipatinga se vê, então, integrando a onda fronteiriça Norte.

A configuração dos fluxos populacionais que foram ter em Ipatinga denuncia a prevalência dos imigrantes procedentes de outras microrregiões mineiras: Caratinga, Valadares e Itabira concorreram com a parte mais elevada de mineiros que decidiram residir em solo ipatinguense. Já as microrregiões de São Paulo, Vitória e Rio de Janeiro responderam pela maior parte dos paulistas, espírito-santenses e fluminenses que se transferiram para Ipatinga.

Por fim, a composição espacial das trocas migratórias de Valadares e de Ipatinga, no período 1981/1991, pouca alteração sofreu em relação à da década de 70: a quase totalidade dessas mesmas trocas ficou restrita ao Sudeste, e as regiões metropolitanas desses estados responderam pela mais alta porção das perdas e dos ganhos populacionais valadarenses e

ipatinguenses. Ao encerrar a maioria absoluta dos emigrantes de Valadares e Ipatinga e dos imigrantes que se dirigiram para essas microrregiões, entre 1981 e 1991, Minas Gerais, mais uma vez, põe à mostra a própria supremacia entre os estados do Sudeste: nas trocas populacionais valadarenses, maior participação tiveram, considerando todo o território brasileiro, as microrregiões de Belo Horizonte e Ipatinga; e, nas ipatinguenses, tomaram maior vulto Belo Horizonte, Valadares e Caratinga. Quanto aos demais estados do Sudeste, os números informam que as microrregiões de São Paulo, Vitória e Rio de Janeiro receberam a fração mais alta de valadarenses e de ipatinguenses que se dirigiu aos estados paulista, espírito-santense e fluminense; essas foram também, em seus respectivos estados, as microrregiões de onde mais saíram migrantes para Valadares e Ipatinga.

Referências Bibliográficas

- BAENINGER, Rosana. Redistribución espacial de la población: características y tendencias del caso brasileño. **Notas de Población**, Santiago de Chile: CELADE, v. 25, n. 65, p. 145-202, jun. 1997.
- BRITO, Fausto R. A. A ocupação do território e a devastação da Mata Atlântica. In: PAULA, João Antônio de (coord.). **Biodiversidade, população e economia**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 1997.
- BRITO, Fausto. R. A. de. **População, espaço e economia numa perspectiva histórica:** o caso brasileiro. Tese (doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997b.
- BRUM, Argemiro F. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- COSTA, Heloísa Soares de Moura. **Vale do Aço:** da produção da cidade moderna sob a grande indústria à diversificação do meio-ambiente urbano. Tese (doutorado em Demografia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995, 324p.
- COSTA, Sérgio. **Política para quem precisa de política:** movimentos sociais urbanos, participação e democracia. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991, 231p.
- CUNHA, José Marcos Pinto da; BAENINGER, Rosana. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. In: HOGAN, Daniel Joseph et al (orgs.). **Migração e ambiente em São Paulo:** aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 17-57
- FONSECA, Raymundo J. **Figueira do Rio Doce:** notas nativas de José Raymundo Fonseca. Governador Valadares: s.n., s.d.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Programa Estadual de Centros Intermediários:** perfil da cidade de Governador Valadares. Belo Horizonte: FJP, 1982. (Mimeogr.).
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL – IBAM. **Plano Diretor de Governador Valadares**. Governador Valadares, 1991

- MARTINE, George. A evolução espacial da população brasileira. In: AFFONSO, R. de B. A.; SILVA, P. L. B. (Org.). **Desigualdades regionais e desenvolvimento**. São Paulo: FUNDAP:UNESP, 1995. p. 61-91; 270-275.
- MARTINE, George. As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica. In: NADALIN, S. O et al. (Org.). **História e População**, São Paulo : ABEP/IUSSP/CELADE, 1990, p. 16-26.
- MARTINE, George; CAMARGO, Líscio. Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas : ABEP, v. 1, n. 1/2, jan./dez. 1984, p. 99-143.
- MARTINE, George; DINIZ, Clélio C. Concentração econômica e demográfica no Brasil: recente inversão do padrão histórico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 121-134, jul./set. 1991.
- PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. Movimentos migratórios anos 80: novos padrões? Encontro Nacional sobre Migração. Curitiba, 1997. **Anais ...** Curitiba: IPARDES/FNUAP, 1998.
- ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa. **Companhia Estrada de Ferro de Vitória a Minas: 1890-1940**. Dissertação. (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976, 200p.
- SALES. Teresa; BAENINGER, Rosana Migrações internas e internacionais no Brasil: panorama deste século. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo, n. 36, p. 33-44, jan/abril. 2000.
- SIMAN, Lana Mara de Castro. **A História na memória**: uma contribuição para o ensino da História de cidades. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988. 183p.
- SOARES, Weber. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. p. 360.